

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 12 de março

A assembléa geral do banco, que estava convidada para a casa do risco, reuniu-se ha dias no edificio do mesmo banco. Teve logar a mudança de local, porque houve quem lembrasse que estando ainda polluta a casa do risco pelas bacchanas cabralistas, convinha não dar a este entremez character faccioso embora os auctores fossem os mesmos.

O governo, como o *Espectro* ha dias declarára, propozera que a amortisação mensal das notas do banco fosse de 50 contos em vez 18, e que em logar de entrarem na totalidade dos pagamentos, só podessem entrar em metade, sendo a outra parte em metal.

A assembléa annuiu ás propostas do governo, exigindo sómente que os 32 contos de réis que vão acima dos 18 para completar os 50 fossem pagos pelo thesouro á conta da sua vida.

Assim se arranjaram os negocios a contento de ambas as partes. O governo lucra alguma cousa: o banco não perde nada, e o publico fica logrado como d'antes, se não alguma cousa mais.

As contribuições que até aqui eram pagas em notas se lo-hão d'ora em diante parte em notas e parte em metal, mas a maior parte em metal por causa dos minimos, salvo se o contribuinte de 1\$500 rs. (por exemplo) preferir dar 750 em metal e 1\$200 em papel, offerecendo o excesso como *donativo* em benefício da fazenda.

O banco como não é obrigado a pagar á vista as suas notas nenhum interesse tem já no curso forçado. A fabrica trabalha sempre, e como o papel não é muito caro, em quanto durarem as seis arrobas que se despacharam, e não cançar a mão aos directores, temos notas e mais notas. As despesas da producção sempre ellas a cobrem. Quem as tiver que as rasgue, e que se reveja no carimbo — *Val como*

*prata* ainda que não valha senão como trapo.

A consequencia d'isto é que como os senhores da direcção entregaram toda a prata ao Costa Cabral, que se está rindo á nossa custa na Hespanha, como d'aqui a pouco o hão de fazer os actuaes ministros, e havendo um diluvio de notas, quem quizer fazer algum pagamento vai levar parte d'ellas ao mercado para as trocar por prata, o que sem duvida augmentará o agio, como aconteceu logo que se soube a deliberação do banco excedendo já o desconto a 1\$600 rs.

Eis-aqui no que dão todas as politicas da famosa noite de 6 de outubro. É uma instabilidade constante, que prejudica todas as transacções, que affecta todos os interesses, que arruina milhares de familias, e que faz da incerteza um estado permanente.

As forças do conde de Mello estavam no dia 4 em Portalegre e Marvão. — O barão da Foz e Shwalback não ousavam aproximar-se a ellas. Foi interceptado um officio do Shwalback, pelo qual se conhece o receio com que elle está das forças do nobre conde.

O *Diario* fallou ha dias no seu codigo. O *Espectro* vai declarar o que esse codigo significa.

O codigo cabralista é o despotismo, o assassinato, o roubo, a desfloração. É o insulto á moral e aos costumes, é a corrupção desde o primeiro elo da cadeia social até ao ultimo.

Quando se fallava na demissão do sujo ministro Souza Azevedo por influencia cabralista, o sr. Roma foi ao paço, e com os livros da companhia confiança na mão, mostrou os roubos que Costa Cabral (o compadre da rainha) tinha commettido. Alli se viu que por este decreto recebera *tanto* por aquelle *tanto* e assim por diante. O mesmo sr. Roma confessou te-

rem passado das suas mãos para as do ministro corrupto aquellas sommas.

O Souza Azevedo era tão venal como os Cabraes. N'estes a bossa do roubo é familiar. Um que foi correio assistente em Vizeu roubava 5 réis e 10 réis em cada carta.

Não somos nós os liberaes os que denunciámos estes roubos. N'uma carta interceptada, e que era dirigida a Costa Cabral, lê-se o seguinte:

«Calumniam a V. ex.<sup>a</sup>, enchem n'ó de vituperios, e asseveram que V. ex.<sup>a</sup> levava interesses em todos os contractos, e era connivente em tudo quanto se lhe offercia para receber dinheiro!!! Isto mesmo tem espalhado no paço aos domingos á noute, quando allí nos ajuntamos, e a SS. MM. já lhes tem constado isto mesmo a ponto de el-rei ter dito que «V. ex.<sup>a</sup> perdeu se com ser conde.»

Na mesma carta se falla da partilha que houve no roubo do abatimento no preço do contracto do tabaco, e no dia da junção do banco com a confiança, de sorte que podemos dizer com affouteza, e firmados no testemunho da gente da situação que não póde ser suspeita — que o programma cabralista que nos rege é o despotismo e o roubo.

Appareceu por ahí ha dias uma proclamação dos cabralistas puros, em que se diz isto mesmo. Vamos publical-a. É preciso que o mundo saiba estas torpezas. É preciso ouvir o que Souza Azevedo e o Roma dizem dos Cabraes, assim como o que os Cabraes dizem do Souza Azevedo e Roma. Conhecemol-os assim uns pelos outros.

Avaliando d'esta sorte os homens da situação devemos tambem examinar o que tem feito o exercito da rainha e o nosso. N'um excellente artigo do *Nacional* achamos feito o parallelo. Em seguida pois publicamos dois documentos — a proclamação cabralista, e o artigo da folha do Porto. Depois d'isto quem não ficará conhecendo o codigo do *Diario*? Eil-os ahí:

(Proclamação cabralista.)

«Amigos! Já lá vai o Souza Azevedo; parabens! É verdade que se soube arranjar, e ficou fartinho — 40 contos do Roma e companhia pelo famoso decreto da união do banco e confiança, 20 contos pelo augmento do preço do tabaco, cinco mil e seiscentas libras esterlinas pela restituição gratuita aos inglezes da decima já paga e consumida, são parcellas que fazem uma conta callada; porém como já lá vai, deixal-o com as suas intriguinhas palmellistas e miguelistas... mas olho n'elle! — até que lhe chegue o seu dia... que deve chegar muito breve...»

Mas o Roma!? este malvado, causa principal de todas as nossas desgraças financeiras ha de assim ficar? Elle ahí está preparando novos infortunios ao paiz! — elle ahí anda manejando

tropeços ao novo ministro da fazenda! elle ahí trasteja contra os infelizes, promovendo a subida do desconto das notas! — elle ahí ameaça de sugar até a ultima gota do sangue do infeliz povo!... E havemos de consentil-o? — não, não, não! Esse maldito Roma, e os seus socios, que fujam d'entre nós, e senão..... mas não se fique em ameaças; mãos á obra!...

Amigos! o Sousa Azevedo já lá vai; e não se fará alguma cousa a favor dos cartistas e contra os nossos inimigos? E não se mandará tropa e dinheiro ao invicto Saldanha? E não se fará acordar do somno vergonhoso em que jazem os generaes do Alemtejo? E não se acudirá ao Algarve? E os alliciadores ainda passarão impunes? E os miguelistas ainda nos ameaçarão? E o nunca assáz louvado marquez de Fronteira ainda continuará a ser enganado? E a policia ainda será o que tem sido? — Não o consintaes, amigos! não o consintaes!... — Morram os traidores! — Viva a rainha! — Viva a carta! — Viva el-rei! — Viva o Saldanha! — Viva o Fronteira!»

«Artigo do *Nacional*:»

«Porto 4 de março. — Um general digno d'este nome responde sempre perante a humanidade, e perante a historia pelos crimes de seus soldados.

O conde das Antas póde gabar-se de que todas as forças do seu commando são o modêlo da disciplina e da subordinação. Por toda a parte por onde marcham nossos batalhões os povos lhe sahem ao encontro a recebe-los e festeja-los como seus libertadores. Do pouco que ainda lhe resta, o povo reparte liberalmente com os soldados defensores da patria.

Não ha um unico exemplo de um unico excesso, de um unico delicto praticado contra os povos por nossos soldados.

Nossos prisioneiros de guerra tem sido tratados com uma humanidade que muito honra a civilisação do partido nacional. Ahí está o duque da Terceira e seus companheiros prisioneiros de guerra, que no momento em que os Caracals de Lisboa perpetravam a mais inaudita barbaridade contra os generaes mais distinctos do exercito constitucional — contra os mais valentes camaradas de D. Pedro, foram mudados para uma melhor prisão, adornaram-se os quartos que os haviam de receber. Em vez de represalias, a junta vingou-se pela nobreza e pela generosidade. E não foi para envergonhar os sicarios da tyrannia, porque elles não são susceptiveis de vergonha — foi porque assim o exigia a indole do partido liberal. Basta-lhe a consciencia de ter feito uma bella acção, o juizo da Europa, o da historia, e o da posteridade.

Castro d'Aire fez 86 prisioneiros. Mendes Neutel 178. Nem uma só injuria soffreram os infelizes, que a sorte da guerra fez nossos prisioneiros.

Quando o Casal duas vezes se aproximou dos

muros d'esta cidade invencivel, a junta fez prender muitos dos conspiradores — e logo que o general inimigo se retirou, os poz em liberdade. Os presos tem todas as consolações que são compatíveis com a sua segurança.

Vejamos agora o que tem feito os chefes da facção cabralista.—Cazal fez assassinar em Constantin o patriota Veiga, tão distincto por seus serviços durante o primeiro cerco do Porto, e mais 11 dos seus companheiros. Na Agrella assassinou o povo inerme. Vinhaes assassinou os prisioneiros de Villarandello, e Soutellino. Tratou impiamente a generosa officialidade prisioneira depois da traição de Val Palsos. Casal, não podendo matar as guerrilhas armadas de Mac-Donell, matou trezentos cidadãos pacificos de Braga. Vinhaes fez assassinar fóra do combate Mac-Donell quando entregava a sua espada. O Saldanha fez caminhar a pé as maiores illustrações, e a officialidade mais distincta de Torres Vedras; roubou-lhes as suas bagagens; lançou-os em prisões infectas; privou os dos recursos de suas familias, e depois sem processo, nem fóra de justiça os mandou para os sertões da Africa.

Lapa, já tinha assassinado na Estremadura, e agora na Beira em nada se distinguio, em crueldade e ferocidade, dos dois assassinos, e ladrões Marçal, e Fieschi.

Saldanha acaba de commetter na Bairrada dez fuzilamentos, cortando as mãos e tirando os olhos em vida aos prisioneiros de guerra.

O faccinora Caldeira Pedroso irritado por ser batido em Cabeça de Moura pelo tenente coronel Alves—assassina o povo inerme de Ceres que lhe fugia—matou entrevados, septuagenarios, e fez por seus soldados violar meninas de dez e doze annos.

Lapa fez outro tanto na Beira.

Dos roubos não ha já que fallar—são quadrilhas desalmadas que não deixam um bocado de pão ao pobre povo.

Deus não hade consentir que o Cabrera portuguez, o homem mais corrupto, mais desalmado, mais sanguinario de Portugal possa por muito tempo assolar assim o seu paiz—alaga-lo de sangue innocente—profanar os templos com as desflorações das donzellas. Este crime é imperdoavel n'um homem que é marido e pai. Ao pé d'este monstro, José Cabral é um homem honesto—José Virissimo um philanthropo—Torquemada um santo—e Cabrera um Howard ou um Penny.—Deus o castigará! Não é possivel que o Altissimo consinta que um malvado d'estes venha trazer ao seu paiz, que o não tinha offendido, uma guerra de exterminio, só pelo prazer de ganhar algum dinheiro mais para desbaratar em munimentos de tolice e de máo gosto.—Catilina era um excellente cidadão ao pé d'este Sejano—que d'uma rainha—que era querida como Tito—fez um Nero implacavel;—que d'um reino livre quer fazer uma terra escrava

—que de um povo derramou ondas de sangue —e não contente com isso matou entre tratos de exquisita crueldade, e depois de assassinar e matar os pais, fez deflorar as suas filhas por seus impios soldados.

Deus, Deus! confiemos em Deus!»

O *Diario* publicando a sessão de 18 do passado na camara dos lords em Inglaterra alterou-a; e mutilou-a á sua vontade. O *Espectro* supprirá as omissões da folha official:

«Lord Beaumont disse que o governo britannico devia obrigar o portuguez a collocar os prisioneiros de Torres Vedras na posição que lhes competia como prisioneiros de guerra, segundo as estipulações assignadas pelo Saldanha. Que se faltara a estas estipulações solemnes mandando-os para Angola acamados n'um pequeno brigue sem processo e sem sentença, e n'uma condição peor que a dos negros n'um navio de escravatura. Que assim como a esquadra ingleza cumpria o seu dever, se livrasse a rainha da perseguição popular no caso de lhe ser preciso este soccorro, dando-lhe protecção á sombra da bandeira britannica, da mesma sorte pedia a stricta neutralidade que livrasse da perseguição do ministerio aquellas pessoas, cuja vida perigasse.

«O marquez de Lansdowne disse que o governo britannico só podia dar conselhos, e que isso fizera; e que estes conselhos foram dados no interesse da causa da rainha, que sempre o tem em não provocar a irritação publica, mas que não podia fazer mais cousa alguma em quanto a presente lucta tivesse, como tinha, todo o caracter de guerra civil.

«O conde de Ellenbourg confessou que não achava constitucional o primeiro acto da rainha de Portugal—o acto que provocara esta guerra. Que a rainha prendera o ministerio Palmella até formar o novo (vozes, ouçam, ouçam). Que os novos governos representativos commettiam mais violações dos principios constitucionaes e da liberdade pessoal do que o despotismo mais barbaro. Que as representações e os conselhos ao governo portuguez eram uma mera farça se não se fizesse saber, que se procederia de outra maneira no caso de semelhantes representações e conselhos não serem attendidos. Que se taes representações importavam simples desejos, como cousa de favor para os prisioneiros, ou materia de credito para o governo de Portugal, de que aquelles desafortunados cavalheiros não fossem soffrer uma morte affrontosa nas costas de Africa, S. s.<sup>as</sup> deviam estar certos de que taes representações não seriam attendidas. Mas que se se tivesse declarado, que no caso de tal acontecer á representação official, ou não official, do nosso ministro, sir W. Parker se retiraria do Téjo, outro teria sido o procedimento do governo portuguez, Que longe de pensar

que a esquadra ingleza no Téjo podia ser considerada como um auxilio do nosso governo aos insurgentes, elle (conde de Ellenbourg) acreditava que se não fosse a presença d'esta esquadra, já a rainha de Portugal se teria encontrado com D. Miguel em Londres (vozes, ouçam, ouçam, riso). Que era esta esquadra a que conservava a rainha sobre o throno, e que se ella sahisse do Téjo, o exercito popular entraria n'um dia em Lisboa (vozes, ouçam, ouçam.)»

Eis-aqui como na Inglaterra se avalia o procedimento do governo de Lisboa. A nossa causa acha sympathias em toda a parte.

### PARTE OFFICIAL CURIOSA

Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr.—S. M. el-rei commandante em chefe do exercito, me encarrega de dizer a V. ex.<sup>a</sup> que é de absoluta necessidade que a columna do seu commando não fique inactiva por mais tempo, não só pelo desfallecimento que produz nos povos d'essa provincia, mas pelo mau effeito que em geral causa o ficar estacionaria n'um só ponto, abandonando o resto do paiz ás extorsões e violencia dos rebeldes.—Deos guarde a V. ex.<sup>a</sup>—Quartel general no paço das Necessidades, 6 de fevereiro de 1847.—*Barão de Sarmento*, ajudante general.—Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. visconde de Setubal.

Estado maior general. — Repartição do ajudante general. — Divisão. — Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. S. M. el-rei, commandante em chefe do exercito, em vista da explicação que V. ex.<sup>a</sup> dá na primeira parte do seu officio do 1.<sup>o</sup> do corrente, ficou inteiramente convencido das boas intenções com que V. ex.<sup>a</sup> no seu interior officio de 16 de Janeiro, havia lembrado os fundos da casa de Bragança no Roneão; intenção de que o mesmo augusto sr. jamais duvidou, mas que suggeriram as observações feitas no officio desta repartição de 23 de Janeiro, por falta de conhecimento das transacções que fazem objecto da sobredita explicação, Quanto porém á criação d'um deposito de recrutas em Elvas, muito recommendada a V. ex.<sup>a</sup> no citado officio de 23 de Janeiro, ordena-me S. M. el-rei, de dizer a

V. ex.<sup>a</sup> que é indispensavel que desde logo se forme, cumprindo a V. ex.<sup>a</sup> de accordo com o governador da praça de Elvas, e com as auctoridades administrativas, empregar todos os meios que a prudencia e circumstancias aconselharem, para obstem quanto possivel a que se verifiquem as apreensões pouco favoraveis que V. ex.<sup>a</sup> tem a respeito d'esta medida, como pondera no mencionado officio; e para que se alcance o resultado que convém; isto é, augmentar a força publica.—Deus guarde a V. ex.<sup>a</sup>—Quartel general no paço das Necessidades em 8 de fevereiro de 1847.—*Barão de Sarmento*.—Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. visconde de Setubal.

Ministerio do reino.—3.<sup>a</sup> direcção.—1.<sup>a</sup> repartição.—Foram presentes a S. M. a rainha os dois officios do governo civil de Portalegre datados de 30 de janeiro ultimo, e 6 do corrente, sendo aquelle por 2.<sup>a</sup> via; e ficando a mesma augusta senhora sciente do seu contheudo: manda pela secretaria d'estado dos negocios do reino significar-lhe, que está certa de que elle como auctoridade zelosa e protectora empregará todos os meios suasorios ao seu alcance para terminar toda e qualquer desintelligencia que possa haver entre os habitantes de Elvas, e o batalhão de Béja, procurando que o commandante d'este lhe faça guardar a maior disciplina, e que aquelles se prestem de boa vontade aos pequenos sacrificios, que as circumstancias do tempo exige. Sobre tudo é necessario descobrir quem são os individuos que de proposito instigam a gente da cidade a malquistar com ella as praças do batalhão, e estas com aquella para sobre os verdadeiros criminosos cahir a espada da lei—porque no momento em que a boa intelligencia e harmonia é necessaria, todo o desvio acintoso d'ella deve ser punido.

Quanto ao cavalheiro que se lhe offereceu para entrar em Elvas com alguma gente para defeza da causa, em que a nação está empenhada, bem fez o governador civil em se dirigir ao commandante da divisão, de quem esperará instrucções a este respeito.—Paço das Necessidades em 8 de Fevereiro de 1847.—*Visconde d'Oliveira*.

Está conforme.—Quartel general da 7.<sup>a</sup> divisão militar em Evora, 13 de Fevereiro de 1847.—*Barcellos*, chefe d'estado maior.

## O ESPECTRO

Lisboa, 14 de março

Deus abençoou as armas populares. A apostasia foi punida. O renegado Casal lá foi esconder em terra estranha os seus crimes.

Não temos tempo nem lugar para commentarios. Eis-aqui o que nos escreve do Porto o nosso correspondente:

«Porto 10 de Março.—O conde do Almagem está com a sua divisão, composta de caçadores 2 e 7, infantaria 2 e 12, cavallaria, lancieiros e artilheria na fronteira da Galliza esperando o ex-barão do Casal, que pertende passar a Traz-os-Montes mas difficilmente o conseguirá. A Maria da Fonte guarnece a margem do Lima. A todo o momento se esperam noticias mui satisfactorias. A columna do marechal Guedes acha-se além do Tamega. Chegaram agora (11 da manhã) officios de que uma força do Vinhaes fôra batida pelo batalhão de Coimbra na Regoa, tendo sido mortos 20, feridos 15, e prisioneiros 15 carabineiros montados, entre elles um major de infantaria 9 e dois officiaes subalternos. O resto dispersou.

O ex-marquez de Saldanha mandou hontem a Carvoeiro uma brigada composta de caçadores 1, infantaria 1 e cavallaria; chegaram ás alturas da margem esquerda do Douro, e receberam fogo da artilheria da margem direita que os fez retirar. Esta margem está guarnecida pela columna do barão de Freamunde (brigadeiro Bernardino). De noite mandou Saldanha mais força para aquelle sitio, e hoje marchou o conde das Antas com uma bella divisão para a margem direita do Douro.

A deserção do inimigo continúa em grande quantidade. Todos os dias se apresentam soldados do Saldanha e do Casal, e ainda hontem vieram de Chaves entre os voluntarios e soldados 22.

Agora (duas horas da tarde) recolheu a di-

visão do conde das Antas, porque o inimigo retirou do Carvoeiro para Oliveira d'Azemeis.»

«Porto 10 de março ás 7 da noite.—Agora mesmo estão a estallar os foguetes. Chegou o Joaquim Narciso do quartel general do conde do Almagem com a agradavel noticia de ter entrado na Galliza o ex-barão do Casal. O conde do Almagem mandou immediatamente tres officiaes reclamar o desarmamento e internação dos profugos. O inimigo não se atreveu a esperar a acção e fugiu precipitadamente.»

Assim terminou a carreira politica e militar do traidor. Fugiu sempre e nunca combateu. Aproximava-se quando esperava achar traidores como elle, fuzillava cidadãos inermes, assassinava os filhos aos peitos de suas mães, não respeitava sexo nem idade, e o homem que tinha coração para tantas cruezas nem teve uma escorva para queimar em defeza da sua causa!

Da sua causa? ! Mas qual era a causa d'elle? O ambicioso não se expõe porque a morte não satisfaz a sua ambição. A morte é para os heroes, é para o desinteresse, é para a dedicação.

Somos informados que sir G. H. Seymour despachára um correio para Madrid apenas chegára ao seu conhecimento a noticia a que nos referimos, a fim de que o governo hespanhol faça internar os rebeldes, para não virem commetter mais crimes a este desgraçado paiz.

Esta deliberação honra o ministro de S. M. B. Não é justo que a Hespanha seja o valhacouto de faccinorosos, e esteja por uma complicitade escandalosa favorecendo as partes do ministerio, subtrahindo ao fio das espadas populares bandos de assassinos, e lançando-os no meio das nossas povoações desprecatadas, e que estavam tranquillias á sombra dos tractados.

Nas outras partes do paiz as armas da junta alcançam assignalados triumphos. No numero seguinte daremos as noticias das folhas em detalhe.